



## Inconsciente e língua de sinais: uma perspectiva lacaniana<sup>1</sup>

### *Unconscious and sign language: a lacanian perspective*

Edigleisson ALCÂNTARA<sup>2</sup>

**Resumo:** Lacan empreendeu uma releitura da obra de Freud por meio da linguística de Saussure e da antropologia de Levi-Straus. Daí surgiu a formalização da sua noção de sujeito, como sendo estruturado pelos efeitos simbólicos da linguagem e do significante. Focando na vertente linguística que incidiu sobre a obra de Lacan, pode-se afirmar que, apesar dos avanços da ciência linguística, a psicanálise lacaniana se encontra frente a um universo linguístico ainda pouco explorado. Um desses avanços da linguística é o estudo das línguas de modalidade espacial-visual, isto é, das línguas de sinais, e o reconhecimento do seu estatuto de línguas propriamente ditas. Com base nesses avanços da linguística, o objetivo do presente trabalho é retomar as contribuições da psicanálise lacaniana e apresentar o modo pelo qual o surdo se constitui como sujeito a partir da língua de sinais. Para tanto, a princípio será problematizado o conceito de língua materna e a sua ligação com a língua nacional. Em seguida, serão descritas as características do significante nas línguas de modalidade espacial-visual. Finalmente, será discutida a maneira com que o significante se articula ao inconsciente, garantindo ao surdo ser atravessado pelo simbólico sem qualquer prejuízo, relativamente aos ouvintes.

**Palavras-chave:** Língua de sinais. Inconsciente. Significante. Linguagem. Psicanálise.

**Abstract:** Lacan undertook a rereading of Freud's work through Saussure's linguistics, and Levi-Straus' anthropology. Hence it came the formalization of his notion of subject, as being structured by the symbolic effects of language and significant. Focusing on the linguistic aspect that influenced the work of Lacan, one can affirm that, despite the advances of linguistic science, Lacanian psychoanalysis finds itself faced to a linguistic universe still little explored. One of these advances in linguistics is the study of spatial-visual languages, which means sign languages and the recognition of their status as languages themselves. Based on these advances in linguistics, the aim of the present work is to retake the contributions of Lacanian psychoanalysis, and to present the way in which the deaf is constituted as subject from the sign language. In order to do so, the concept of the mother tongue and its connection with the national language will be problematized. Next, the characteristics of the significant in the spatial-visual languages will be described. Finally, the way in which the significant articulates itself to the unconscious will be discussed, guaranteeing the deaf to be crossed by the symbolic without any prejudice, regarding the listeners.

**Palabras clave:** Sign Language. Unconscious. Significant. Language. Psychoanalysis

<https://dx.doi.org.10.24024/2357-9897v27n2a2018p550xx>

<sup>1</sup> Versão atualizada do trabalho apresentado no 5º Congresso Internacional Transdisciplinar sobre a Criança e o Adolescente, realizado pelo Instituto Language, no período de 25 a 28 de julho de 2018, na Faculdade de Medicina da UFMG, Belo Horizonte, sob o título "O inconsciente estruturado como língua... de sinais".

<sup>2</sup> Mestre em Psicologia Cognitiva | UFPE | Professor das especializações em Proficiência para Tradutor e Intérprete de Libras e Libras e Educação Inclusiva da Pessoa Surda | ALPHA | Professor colaborador da especialização em Clínica Psicanalítica com Bebês | FAFIRE | Parceiro do Núcleo de Pesquisa e Iniciação Científica | NUPIC | da FAFIRE, no qual orienta atualmente (2018-2019) a pesquisa de iniciação científica das alunas Ana Amorim e Maria Júlia Virões, intitulada Formação para a clínica psicanalítica em Língua Brasileira de Sinais: a escuta, o silêncio, a resistência. Estudante da Licenciatura em Letras-Libras | UFPE | Intérprete de Libras | SEDUC/PE | E-mail: edigleissonalcantara@gmail.com

## Introdução

- O senhor ouviu falar das palavras que apareceram na teia da aranha? – perguntou a sra. Arable inquieta.
- Ouvi, sim – respondeu o médico.
- E o senhor entendeu? – perguntou a sra. Arable.
- Entendi o quê?
- O senhor entendeu como é que as palavras apareceram na teia da aranha?
- Ah, não – disse o *dr.* Dorian. – Não entendi, não. Mas também não entendo como uma aranha pode aprender a fazer uma teia. Quando as palavras apareceram, todo o mundo disse que era um milagre. Mas ninguém observou que a própria teia é um milagre.

\*Elwyn Brooks White, *A teia de Charlotte* (1952).

Uma das mais poderosas e duradouras imagens criadas por Freud encontra-se em *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*, escrito em 1917. Nesse texto, Freud associa os efeitos de sua teoria àqueles produzidos pelas ideias de Copérnico e de Darwin: os três teriam imposto uma sucessão de “feridas narcísicas” à humanidade.

Primeiramente, com Copérnico, o humano deixava de ser o centro do universo. Em seguida, com Darwin, o humano perdia a condição de possuidor de uma imagem semelhante à do Criador. À psicanálise, então, teria cabido o golpe de misericórdia, ao sustentar que “o eu não é senhor na sua própria casa”.

Na compreensão que a psicanálise passa a oferecer, o humano está permanentemente em conflito, dividido, acochado por impulsos e motivações rebeldes a toda tentativa de controle da razão (BEZERRA JÚNIOR, 1994).

Surge aí a proposição de descentramento do sujeito, operado pela introdução do conceito de inconsciente, que seria, portanto, a marca fundamental da distinção entre a psicanálise e as outras teorias sobre o humano e sobre o psíquico. Especialmente, ao se pensar que o eu se organiza aferrado a uma ilusão de autonomia que encerra em seu interior a necessidade de dissimular a sua incontornável dependência ao outro.

Foi fundamentado nesse modelo teórico que Lacan empreendeu a sua leitura inaugural. Com a assimilação das formulações estruturalistas em sua pesquisa – a antropologia de Levi-Strauss, por um lado, e a linguística de Saussure, por outro –, o descentramento do sujeito e a constituição do sujeito pelo outro foram enfatizados pela interpretação do inconsciente como sendo uma linguagem.

Tendo em vista que Lacan privilegiou a linguística, mostrando que entre os conceitos de inconsciente e de linguagem existia certa solidariedade, no presente trabalho me detenho, dessa maneira, no eixo linguístico do estruturalismo que incidiu sobre a teoria lacaniana, a partir de Saussure.

No entanto, no contexto das problemáticas abordadas pela linguística atual, a teoria saussuriana adquire apenas valor histórico, e não instrumental, se não se busca ampliá-la. O que significa dizer que a teoria psicanalítica se encontra frente a um universo linguístico ainda pouco explorado.

Uma das problemáticas aludidas, por meio da qual a teoria saussuriana veio a se renovar, foi o exame da constituição do signo linguístico nas línguas de modalidade espaço-visual, isto é, nas línguas de sinais.

Saussure (1916) estabeleceu duas noções para explicar a constituição do signo: a arbitrariedade e a iconicidade. A arbitrariedade é a inexistência de ligação imediata entre a palavra e a coisa que ela designa. Já a iconicidade se reflete na estrutura das palavras, indicando uma espécie de relação natural entre os elementos linguísticos e os sentidos por eles expressos.

No caso das línguas de sinais, e, mais precisamente, da Língua Brasileira de Sinais, a Libras, há uma tendência a se pensar que ela é uma forma de expressão exclusivamente icônica, uma mímica, pelo fato de sua modalidade espaço-visual levar a crer que, diferente das línguas orais, a sua produção seria “transparente”, por ser “visível”.

Porém, ainda que haja um grau elevado de iconicidade, deve-se destacar que esta não é uma característica exclusiva das línguas de sinais. E o exemplo talvez mais caricato, no caso das línguas orais, seja o das onomatopeias.

Não bastasse isso, pode-se lembrar que mesmo os sinais mais icônicos normalmente se diferenciam de uma língua de sinais para outra (GESSER, 2015). O que remete, pois, ao aspecto arbitrário da língua, que é mantido pelo acordo tácito entre os falantes/sinalizantes de determinada comunidade.

Assim, como a língua de sinais é uma língua humana natural (QUADROS, 2008; QUADROS, KARNOPP, 2006) e os princípios de arbitrariedade e iconicidade de Saussure abarcam todas as línguas humanas naturais, na análise linguística, o raciocínio sobre a arbitrariedade e a iconicidade é também logicamente válido para a Libras.

Entretanto, mais do que raciocinar, o movimento de repensar a natureza da linguagem e da língua deve se converter em revisões de atitudes preconceituosas, pois, uma vez que na análise psicanalítica o modo como se define a linguagem implica uma determinada concepção de sujeito, se as línguas de sinais fossem deficitárias e inferiores às línguas orais, os surdos, por tabela, seriam sujeitos carentes de reparo, impulsionados pela demanda, e não pelo desejo.

O ápice desse posicionamento se traduz na rejeição sumária da Libras no atendimento do surdo brasileiro, sob o pretexto de que, com a língua de sinais, o surdo ficaria preso à dimensão do signo e, portanto, ficaria preso à dimensão concreta do mundo. Como tal, não seria atravessado pela Lei de proibição do incesto, em virtude de a “língua do corpo” não ter sido recalcada, remetendo à dualidade mãe-bebê – ou seja, a um tempo em que era estabelecida entre os corpos da mãe e do bebê uma continuidade erótica – e não à triangulação mãe-pai-bebê, decorrência da implantação do significante como terceiro (nome-do-pai).

Tamanho absurdo se perpetua pela reprodução acéfala que os psicanalistas brasileiros, devotos de Lacan, fazem do discurso do autor, sobre a primazia do significante frente ao significado, e cujo ponto alto é atingido com a repetição mecânica da fórmula “um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante” (LACAN, 1960 [1998], p. 833).

Contudo, diferente dos seus devotos ingênuos, que têm buscado gratificações narcísicas ao copiar trechos irrefletidos da sua fala, Lacan tinha propósitos mais consistentes, visando à clínica psicanalítica.

Lacan redefiniu o signo de Saussure em função de obter suporte metodológico para a sua teoria do inconsciente (ELIA, 2010): dos dois elementos constitutivos do signo de Saussure, só o significante é material (unidade material da fala humana) e simbólico (o significado não surge antes da articulação significante).

Levando em consideração que, embora tenha alterado o valor atribuído aos componentes do signo linguístico, Lacan tenha mantido a definição de significante de Saussure, para as línguas orais, pode-se afirmar que o significante possui as mesmas propriedades nas línguas de sinais. Ou seja: se o significante, nas línguas orais, é entendido como a imagem acústica fixada na mente dos falantes, o significante, nas línguas de sinais, corresponde à imagem visual-espacial.

Com base nessa breve incursão histórica, fica notório que, se para Freud a dificuldade no caminho da psicanálise foi superar as reações despertadas pela promoção do inconsciente e para Lacan a dificuldade foi formalizar a estrutura do inconsciente como linguagem, hoje em dia a dificuldade no caminho da psicanálise reside na aceitação de que inconsciente e sujeito se estruturam, também, em língua de sinais.

Eis, então, o meu propósito com o presente trabalho: apresentar a estrutura do inconsciente como linguagem, a partir da Libras. A fim de atingir o objetivo proposto, farei uma breve retomada da relação entre linguagem e inconsciente, na psicanálise lacaniana, e em seguida analisarei como se constitui o significante em Libras, focando nos seus efeitos sobre o psiquismo dos surdos – a quem considero sujeitos como quaisquer outros e cuja falta está situada ao nível do desejo, justamente por haver a nodulação do desejo com a linguagem. Nodulação, aliás, que apenas a base material de uma língua viabiliza, comprovando que a Libras é uma língua de fato, ao contrário do que defendem psicanalistas com uma visão estreita e perversa acerca da surdez e das línguas sinalizadas.

### **A língua(gem) em psicanálise**

De certo modo, trata-se de um ponto pacífico, em psicanálise, a compreensão de que a linguagem é a condição do sujeito. Graças à descoberta freudiana da apelidada “cura pela fala” – o trabalho com a verbalização de tensões, angústias e conflitos, com o intuito terapêutico de ressignificá-los – e ao gesto lacaniano de reler a obra de Freud a partir da interlocução com a linguística de Saussure e com a antropologia estrutural de Lévi-Strauss, tem-se atribuído à linguagem centralidade nos processos de constituição subjetiva.

Frente à importância dada à linguagem, faz-se necessário precisar o sentido do termo quando atrelado ao inconsciente, através dos processos de subjetivação, na medida em que é insuficiente adotar a perspectiva linguística tradicional e dizer o que já se tornou quase um lugar-comum: a linguagem é o que distingue o humano dos outros animais e o que permite aos humanos se distinguirem entre si, no exercício de suas singularidades; singularidades que se ligam a artefatos diversos e são agrupados sob a forma de cultura.

A este respeito, inclusive, o sentido de linguagem, em Lyons (1987), é ainda mais global, incluindo todos os sistemas de comunicação, notação e cálculo. Mas, para a psicanálise, a linguagem é mais que isso: agindo através da fala, a linguagem passa a constituir o psiquismo como uma estrutura, pela ação material da língua enquanto sistema (ANQUETIL, 2006).

Logo, há de se observar que, se Lacan foi específico ao afirmar que o inconsciente se estrutura como *uma* linguagem (LACAN, 1955-1956), é lícito supor que ele estava ciente da abrangência do termo. O que leva a crer que, entendendo a linguagem como qualquer sistema de notação, cálculo e comunicação, Lacan estava se referindo, no caso da constituição psíquica, a este último sistema.

Porém, sabendo que a comunicação remete à dualidade, e não à triangulação – pré-requisito da divisão subjetiva e dos processos de subjetivação correspondentes –, Lacan deu ênfase ao signo linguístico e, mais precisamente, à sua face significante.

Sendo assim, em última instância, o que se pode depreender da afirmação lacaniana, sobre o inconsciente ser estruturado como uma linguagem, é que, estando o signo linguístico, e conseqüentemente o significante, incluído naqueles sistemas de comunicação, o inconsciente se estrutura como uma linguagem somente através do suporte material de uma língua.

Diante disso, tem-se que, ao associar o inconsciente à ideia generalizada de linguagem, por um lado, Lacan queria marcar a condição universal para que um humano se torne sujeito, mas, ao privilegiar o significante de maneira específica, por outro lado, ele queria marcar que a constituição do sujeito não se dá espontaneamente, não é uma faculdade ou uma competência inata. Ao contrário, a constituição do sujeito só é possível pela intervenção do outro, representado pela língua.

Não é à toa que ele, assim, lança a fórmula mencionada agora há pouco – “um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante” (LACAN, 1960 [1998], p. 833) –, para falar da dimensão alteritária inscrita na incidência do significante, isto é, da língua, como sistema ou rede que absorve o sujeito em sua estrutura simbólica, por meio do seu funcionamento linguístico-discursivo (DE LEMOS, 2002).

Por conseguinte, a língua da psicanálise é conceitualizada como a forma material por meio da qual o sujeito fala de si mesmo e de sua relação com o universo que o cerca. Suportando, ao mesmo tempo, o processo de constituição subjetiva e a realização de processos discursivos vários, a língua seria, pois, um sistema de consistência significante, cuja espessura e densidade se consolidariam pela sedimentação histórica de camadas arqueológicas de sentido (PAYER, 2009).

E nisso as línguas de sinais, além de não terem nada de transparente, não têm nada de inferior às línguas orais. O problema, no entanto, é que na psicanálise brasileira, em particular, predomina, entre os psicanalistas (ouvintes), uma classe altamente elitista e discriminatória, que, ao exaltar a própria língua, cria um abismo linguístico, transformado em abismo social por ser a língua aquilo que permite a interatividade entre os sujeitos.

Nesses termos, replicando, no imaginário, a trajetória histórica do país, esses psicanalistas se colocam, de uma parte, como o grupo dos civilizados e colocam aqueles que não falam a “sua” língua, de outra parte, como o grupo dos primitivos, dos incultos, enfim, daqueles suscetíveis a uma *ação colonizadora* – na pior das acepções que a palavra possa ter, quer dizer, na acepção de *procedimento de desapropriação de si*.

O curioso é que, do auge de sua soberba, esses mesmos psicanalistas ignoram, por não buscarem se capacitar, ou desprezam, porque querem, três dados cruciais: primeiro,

aquela que eles consideram a língua merecedora de todo o prestígio, ou seja, o português, é meramente, segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2012), responsável pelo Inventário Nacional da Diversidade Linguística (2016), uma dentre 210 línguas faladas em território nacional, o que significa que, incluída em tamanha riqueza linguística, a importância do português fica diluída; segundo, nem mesmo tem fundamento o argumento de que o português é a única língua reconhecida por lei e oficializada, pois, desde 2002, pela Lei 10.436 (BRASIL, 2002) e pelo Decreto 5.626 (BRASIL, 2005), que a regulamenta, a Libras goza de reconhecimento legal como língua propriamente dita (detentora de todas as dimensões gramaticais de qualquer língua, tais como morfologia, fonologia, sintaxe, semântica e pragmática); e, terceiro, como diz Melman (1992), por não ser nem nacionalista, nem xenófobo, o inconsciente nivela todas as línguas ao plano da língua materna, que não coincide com a língua nacional.

A propósito da disjunção entre as dimensões materna e nacional da língua, algumas observações se fazem pertinentes, no contexto da problemática envolvendo as línguas de sinais e o inconsciente.

Uma primeira observação é que o psicanalista deve ter clara a necessidade de superar o embate travado no seu imaginário entre a língua oral, que ele acredita responder pela sua língua materna, e a língua sinalizada, tida pejorativamente como estrangeira. Só então ele acessará os efeitos simbólicos da língua que efetivamente conta para a psicanálise, isto é, a língua do real.

Dito de outra forma, pela vida da nacionalidade, nem o português, nem a Libras pode reivindicar a posição de dominância junto ao inconsciente, pois a língua materna é a língua do real, é *lalíngua*, que, para Milner (2012), consiste em um saber da ordem do impossível; impossível de ser completamente recoberto pelo imaginário, incitando, portanto, o simbólico.

No presente trabalho, eu identifico o real aos afetos, estejam eles ligados a representantes prazerosos, estejam eles ligados a representantes desprazerosos. Assim, o real da língua é um precipitado afetivo, sedimentado pelas experiências primordiais com todos outros significativos para o sujeito e que lhe dá entrada ao mundo através de uma ponte maternante que a base significativa da língua e da linguagem oferece, independente da nacionalidade.

Uma segunda observação trata das diferenças gerais entre língua materna e língua nacional. Nessa direção, a língua materna, a princípio, marca o sujeito, em estado de infante, ao lhe proporcionar uma atmosfera afetiva acolhedora, por ocasião de sua chegada recente ao mundo. Em contrapartida, a língua nacional é uma língua normativa, que visa à transmissão das regras sociais. Enquanto a língua materna se dá num espaço de tempo sincrônico, pois diz respeito ao sujeito e à sua história singular, a língua nacional é diacrônica, uma vez que se assenta no tempo histórico. Por último, a língua materna é subjetiva, na medida em que, estando à mercê do adulto, as manifestações vitais do bebê vão adquirindo significado pela interpretação que o adulto lhes atribui, de maneira sensível, mas arbitrária – se o bebê se identifica ou não, isso é outro assunto. Já a língua nacional é objetiva, pautada num ideal de comunicação-padrão.

Finalmente, uma terceira observação dá conta de descrever as características decisivas da língua materna para a constituição subjetiva. Segundo Melman (1992, p. 32), a língua materna é “aquela na qual, para aquele que fala, a mãe foi interdita”. Ou seja, junto ao aspecto maternante, a língua carrega o interdito, obrigando o bebê a substituir sua aderência ao corpo materno pela aderência ao discurso materno e, num momento posterior, à palavra oriunda da lei simbólica – o nome-do-pai. Conforme Alcântara (2016), o resultado disso é uma mudança subjetiva jamais repetida, que é passar da condição de ser falado para a de ser falante, por meio da captura exercida pelo discurso do outro e garantida por um golpe de força significante, que é aplicado sobre o corpo do bebê.

Como é possível perceber, todas as transformações e conquistas para o sujeito, seja ele surdo, seja ele ouvinte, se relacionam com a linguagem e com a língua porque têm seu ponto de partida no significante, do qual o funcionamento articulado circunscreve a falta e renova o desejo permanentemente, assegurando ao sujeito que ele possa sempre deslizar, adquirindo, a cada vez, novas significações.

Então, pensando a linguagem como sistema comunicativo concretizado na fala pela língua; considerando a língua em sua dimensão materna, afetiva; e entendendo o significante como a instância material cuja atividade organiza os afetos, criando uma ligação indissociável entre a falta, a fala e o desejo, pode-se assegurar que a constituição subjetiva de surdos e de ouvintes segue por uma rota idêntica: a estruturação do inconsciente pelo simbólico.

Tal como foi visto, se o simbólico é engendrado pela linguagem, que se realiza pela língua, que, por sua vez, é materializada pelo significante, pode-se remanejar a fórmula lacaniana para se propor que o inconsciente se estrutura como uma língua. E, não havendo dúvidas de que a Libras – ou qualquer outra língua sinalizada – é uma língua, o passo agora é analisar de que forma o inconsciente se estrutura como uma língua de sinais.

### Língua de sinais e inconsciente

Para Lyons (1987), há fortes evidências de que, na história da evolução da espécie humana, a linguagem tenha surgido a partir de um sistema de comunicação gestual, e não vocal. Tal hipótese, por sua vez, encontra acolhida nos estudos sobre a sensorialidade fetal. De acordo com Busnel e Héron (2011), o desenvolvimento das funções sensoriais segue uma sequência bem definida, que concerne, de início, ao sistema tátil, responsável pelo toque e pelos gestos, seguido, respectivamente, pelos sistemas olfativo, gustativo, auditivo e visual.

Esses achados adquirem extensão nos estudos linguísticos, numa área da linguística denominada aquisição da linguagem, por meio do conceito de multimodalidade: a multimodalidade faz referência às diversas modalidades de uso da língua que atuam em conjunto para a produção linguística infantil e, mais tarde, adulta (CAVALCANTE *et al*, 2016).

Para Almeida e Cavalcante (2017), a linguagem é uma instância materialmente híbrida, constituída pela presença de gesto e de voz, que coatuam na produção de uma matriz de significado unificada. A língua, portanto, seria o sistema de comunicação no qual estas duas unidades comparecem, contribuindo com a emergência do significado, à medida que atuam de maneira coextensiva.



Consoante as autoras (ALMEIDA; CAVALCANTE, 2017), essa ideia se sustenta porque gesto e voz cooperam entre si em alguns níveis da produção linguística, pois dividem a mesma origem semântica, embora possam se desdobrar em informações diferentes.

Durante a socialização do sujeito, é interessante constatar que uma das modalidades vai prevalecendo sobre a outra em virtude do canal comunicativo adotado pelo seu grupo, o que redundava no aproveitamento e sofisticação do potencial vocal pelos ouvintes, e no aproveitamento e sofisticação do potencial gestual pelos surdos. No caso dos primeiros, então, o signifiante se instituirá pela oralização, ao passo que, no caso dos segundos, pela sinalização.

O núcleo da discussão sobre o signifiante em psicanálise remonta à teoria do signo em Saussure (1916). Na sua clássica definição, o signo é “uma entidade psíquica de duas faces” (p. 106), resultante da “combinação do conceito e da imagem acústica” (p. 107). Todavia, a imagem acústica nem se confunde com a representação do som, nem com a representação muscular do ato fonatório. Para Saussure, a imagem acústica é uma abstração psíquica. É por isso que, para dirimir ambiguidades, ele redesigna as unidades que compõem o signo, fazendo o aspecto conceitual corresponder ao significado e a imagem acústica, ao signifiante.

Contudo, devido à cultura majoritária ser de sujeitos ouvintes, a ressalva de Saussure acerca da não identidade entre imagem acústica e som parece não ter surtido muito efeito. O que justifica toda uma tradição de trabalhos voltados para os aspectos sonoros do signifiante.

É provável que o panorama retratado não teria sido alterado se não fosse pela inclusão de estudos que contemplam as línguas de sinais na agenda de investigação da linguística contemporânea, numa iniciativa que, embora ainda pouco expressiva, vem ganhando proporção.

De aproximadamente cinquenta anos para cá, tem sido demonstrado reiteradamente que as línguas de sinais, como as línguas orais, possuem estruturas fonológicas que se constituem a partir da configuração de unidades discretas, feixes de traços distintivos, componentes do signifiante.

Conforme todas as pesquisas clássicas (QUADROS, KARNOPP, 2006; FELIPE, 2006) e recentes (GESSER, 2015; NASCIMENTO, BARROS, ALBUQUERQUE, 2018), o signifiante, nas línguas de sinais, é formado pela articulação de cinco parâmetros: configuração de mão; ponto de articulação ou locação; movimento; orientação ou direcionalidade; e expressões não-manuais.

A configuração de mão é a forma da mão, a qual compõe a estrutura do sinal. O que ocorre com as configurações de mãos é que elas produzem sinais de modo semelhante ao que acontece com pares de palavras do português, que são diferentes apenas pela mudança de um fonema. Inclusive, do mesmo modo que há um número limitado de fonemas nas línguas orais, há em cada língua de sinais um conjunto limitado de configurações de mãos. Por exemplo, no início das pesquisas sobre a Libras no Brasil, Ferreira-Brito (1995) identificou 46 configurações de mãos. Hoje alguns estudos em andamento têm identificado cerca de 70 configurações (NASCIMENTO, BARROS, ALBUQUERQUE, 2018).



O ponto de articulação, conforme Quadros e Karnopp (2006), é o local onde o sinal é realizado ou iniciado. A execução dos sinais acontece no espaço que se situa diante do emissor, desde a linha da cintura até o alto da cabeça. Desta feita, a execução dos sinais só é possível porque as mãos tocam algumas partes do corpo (cabeça, face, pescoço, tórax, braços, etc.). Há sinais, porém, em que as mãos podem se tocar (ou não) sem tocar em outras partes do corpo. Nesse caso, diz-se que o sinal é executado em espaço neutro. Vários sinais são morfologicamente estruturados num mesmo ponto de articulação. Logo, o ponto de articulação pode ser definido, em alguns sinais, a partir do campo semântico ao qual pertencem (GESSER, 2015).

O movimento é um parâmetro complexo porque, durante a realização do sinal, engloba o deslocamento de uma ou de ambas as mãos no espaço, abrangendo também dedos, pulso, braço e antebraço (FELIPE, 2006). O movimento nas línguas de sinais resulta da relação entre três elementos: mãos-espaço-tempo. Isto é, o movimento resulta do deslocamento das mãos, configuradas no espaço de articulação do sinal, no decorrer do tempo empregado para executá-lo. De acordo com Ferreira *et. al.* (2011), o parâmetro de movimento na Libras possui diferentes propriedades ou características relacionadas aos seus elementos, variando em: 1) direção – o sentido ou a trajetória em que o sinal é realizado; 2) extensão – modo pelo qual as mãos e os dedos seguem uma trajetória na execução do sinal; 3) frequência ou repetição do movimento – que só acontece em alguns sinais; e 4) velocidade e intensidade – alguns movimentos são mais rápidos e outros, mais lentos e suaves.

Enquanto a configuração de mão determina a forma que as mãos e os dedos devem assumir, a orientação da mão indica a posição da palma das mãos para a execução do sinal, tendo o corpo do sinalizador como referência (NASCIMENTO, BARROS, ALBUQUERQUE, 2018). São basicamente sete tipos de orientação da palma das mãos: para cima, para baixo, para o corpo, para a frente, para a direita, para a esquerda e em diagonal (KARNOPP, 2009).

As expressões não manuais são as expressões faciais e corporais, movimentos do corpo, da face, da cabeça e dos olhos, realizados no momento da articulação do sinal (QUADROS, KARNOPP, 2006; KARNOPP, 2009). Segundo Quadros, Pizzio e Rezende (2009), há duas classes diferentes de funções das expressões não manuais: a função afetiva – expressão de emoções – e a função linguística – aspectos gramaticais específicos.

Além disso, do mesmo jeito que ocorre nas línguas orais, o significante, em Libras, respeita os princípios de linearidade e de simultaneidade, postulados por Saussure (1916). Nas línguas orais e nas línguas sinalizadas, a simultaneidade reside na combinação dos fonemas, na palavra oralizada, e na combinação dos parâmetros, na palavra sinalizada. Já a linearidade é sensível na sucessão das palavras/sinais durante a construção de um enunciado.

Como será possível inferir daí, à essência do significante nas línguas de sinais subjaz as mesmas duas qualidades subjetivantes do significante nas línguas orais, a saber, a continuidade e a descontinuidade. Oposição que, no inconsciente, atua como jogo de presença e de ausência atrelado aos fonemas, para os ouvintes, ou aos parâmetros, para os surdos. Oposição, aliás, que se amplia no próprio encadeamento do significante, através dos atos de nomeação – metáforas –, que visam a dar conta da incompletude do dizer – metonímia.

Seguindo os passos de Lacan (1957), trilhados no caminho de Saussure e também de Jakobson, pode-se afirmar o seguinte: o primeiro ato de nomeação é a metaforização da própria existência do sujeito, que, recebendo do outro significantes correspondendo a atributos que o significam, isto é, sendo marcado por significantes primordiais, ou significantes-mestres (S1), se aliena ao que o outro diz que ele é. Porém, como há uma dissimetria entre aquilo que o outro diz que o sujeito é e as contingências do que ele vive, o sujeito compreende que o outro é incapaz de traduzir a sua existência por inteiro. Essa compreensão cria uma separação entre o sujeito e o outro. O sujeito, então, se identifica à condição de falante numa tentativa de se apropriar do significante do outro, na esperança de poder falar por si. No entanto, como, ao falar por si, o sujeito tampouco consegue exprimir tudo no seu dizer, ele tem de se conformar a recorrer a significantes aproximativos, substitutivos, metonímicos (S2).

Na comunidade surda, o reconhecimento da condição de sujeito falante, pelo outro, acontece quando este atribui àquele um sinal pessoal, equivalente ao nome próprio, o qual passa a agir como S1, alienando o sujeito e fazendo-o responder do lugar metafórico de falado. Conforme se viu, a identificação é o divisor de águas entre a alienação e a separação, e o ponto de confluência dos mecanismos subordinados a elas: respectivamente, a metáfora e a metonímia. Assim, identificando-se com o outro, o surdo se separa dele e passa a utilizar os sinais (S2) para responder do lugar metonímico de falante.

### Considerações finais

Por tudo o que foi apresentado até aqui, é indiscutível a legitimidade linguística do significante nas línguas de sinais, e, precisamente, na Libras. Em contrapartida, como se disse no início, a psicanálise praticada no Brasil pouco tira proveito dos avanços feitos pela ciência linguística, por causa de uma ortodoxia intransigente associada a um saudosismo fútil, camuflados sob o pretexto de “transferência com o autor” – o autor é Lacan, no caso. É, então, com razão que outras abordagens terapêuticas dirigem críticas severas à psicanálise, fragilizando a imagem do tratamento psicanalítico diante da sociedade.

Expedientes como os mencionados revelam o caráter etnocêntrico oculto numa clínica que se torna inacessível e excludente, tanto do ponto de vista financeiro, por ser ainda destinada às classes abastadas, quanto do ponto de vista ideológico, pois, segundo uma mentalidade arcaica, só podem ser recebidos em consultório indivíduos em condições ideais, “sem deficiência”, “perfeitos”. O que leva a questionar o que se tem entendido por falta – uma limitação orgânica ou um limite simbólico? – e a sua ligação inextrincável com o desejo e com a língua(gem).

Diga-se de passagem, se a atividade do simbólico, pela língua e pela linguagem, remete imediatamente ao ordenamento das relações sociais, com a submissão do sujeito às leis do significante, é razoável assinalar que a atitude dos psicanalistas brasileiros se estabelece sob a égide da perversão, no sentido de violar o “laço social” (LACAN, 1969-1970): ao invés de realizarem os atendimentos respeitando a lei – tanto aquela organizadora do psiquismo

como aquela identificada à norma jurídica – e as singularidades do sujeito, os psicanalistas brasileiros têm promovido uma transgressão do significante, ao subestimarem a Libras como meio de expressão do inconsciente do surdo.

Investir na compreensão do inconsciente estruturado como língua de sinais talvez seja, portanto, a forma mais eficiente de combater o contexto degradante no qual a comunidade surda tem sido assujeitada. Nessa perspectiva, o discurso patologizante ligado à surdez, enquanto sintoma, deve ceder espaço para que a combinação dos parâmetros se institua como significante (S1) e possa representar os surdos, na condição de sujeitos, por meio dos sinais (S2), encadeados em sua língua.

### Referências:

- ALCÂNTARA, Edigleisson. Na palma da língua: o manhês na aquisição da linguagem do bebê surdo. In: SOUZA, Ana Paula Ramos de; ZIMMERMANN, Vera Blondina. **Inserção de crianças e adolescentes na cultura: caminhos possíveis**. São Paulo: Instituto Langage, 2016. p. 165-190.
- ALMEIDA, Andressa Toscano Moura de Caldas Barros de; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. A multimodalidade como via de análise: contribuições para pesquisas em aquisição de linguagem. **Letrônica**. Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 526-537, jul./dez. 2017. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/26403/16548>>. Acesso em: 19 jan. 2018.
- ANQUETIL, Nicole. Saussure e Lacan. In: MELMAN, Charles. (Org.) **O significante, a letra e o objeto**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004. p. 35-40.
- BEZERRA JÚNIOR, Benilton. Descentramento do sujeito – versões da revolução copernicana de Freud. In: COSTA, Jurandir Freire (Org.). **Redescrições da psicanálise: ensaios pragmáticos**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p. 119-167.
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm)>. Acesso em: 30 set. 2017.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>. Acesso em: 30 set. 2017.
- BUSNEL, Marie-Claire; HERÓN, Anne. O desenvolvimento da sensorialidade fetal. In: LAZNIK, Marie-Christine; COHEN, David. (Orgs.) **O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa**. São Paulo: Instituto Langage, 2011. p. 23-34. (Col. Começos e Tropeços na Linguagem)
- CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra et al. Sincronia gesto-fala na emergência da fluência infantil. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. 45, n. 2, p. 411-426, nov. 2016. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/984/1034>>. Acesso em: 19 jan. 2018.
- DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, v. 42, p. 41-69, jan./jun. 2002.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. (Psicanálise Passo-a-Passo, v. 50)

FELIPE, Tanya Amara. O processo de formação de palavra na Libras. **Educação temática digital**. Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, jun. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/803/818>>. Acesso em: 13 maio 2018.

FERREIRA, Adir Luís *et. al.* **Aprendendo Libras**: módulo 2. Natal: UFRN, 2011. 64 p. Disponível em: <[http://sedis.ufrn.br/bibliotecadigital/site/pdf/TICS/Livro\\_MOD2\\_LIBRAS\\_Z\\_WEB.pdf](http://sedis.ufrn.br/bibliotecadigital/site/pdf/TICS/Livro_MOD2_LIBRAS_Z_WEB.pdf)>. Acesso em: 18 ago. 2017.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. Por uma gramática das línguas de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. 273 p.

FREUD, Sigmund (1917). Uma dificuldade no caminho da psicanálise. *In: \_\_\_\_*. **Uma neurose infantil e outros trabalhos** (1917-1918). Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 143-153 (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 17)

GESSER, Audrei. **Libras?**: Que língua é essa? crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. 11. ed. São Paulo: Parábola, 2015. 88 p. (Estratégias de Ensino, v. 14)

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO. **Patrimônio cultural imaterial**: para saber mais. 3. ed. Brasília: Iphan, 2012. 36 p. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/3728/iphan-lanca-guia-de-pesquisa-e-documentacao-da-diversidade-linguistica-brasileira>>. Acesso: 22 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. **Guia de pesquisa e documentação**: patrimônio cultural e diversidade linguística. Brasília: Iphan, 2016. 104 p. (Inventário Nacional da Diversidade Linguística, v. 1) Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/INDL\\_Guia\\_vol1.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/INDL_Guia_vol1.pdf)>. Acesso em: 22 jan. 2018.

KARNOPP, Lodenir. **Fonética e fonologia**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. 45 (Letras-Libras a distância) Disponível em: <[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/foneticaEFonologia/assets/359/FoneticaFonologia\\_TextoBase.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/foneticaEFonologia/assets/359/FoneticaFonologia_TextoBase.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2017.

LACAN, Jacques (1955-1956). **O seminário, livro 3**: as psicoses. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. *In: \_\_\_\_*. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 496-533. (Campo Freudiano no Brasil)

\_\_\_\_\_. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 807-842. (Campo Freudiano no Brasil)

\_\_\_\_\_. (1969-1970). **O seminário, livro 17**: avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. 212 p. (Campo Freudiano no Brasil)

LYONS, John. **Linguagem e linguística**: uma introdução. São Paulo: LTC, 1987.

MELMAN, Charles. **Imigrantes**: incidências subjetivas das mudanças de língua e de país. São Paulo: Escuta, 1992. (Sér. Lobo)

MILNER, Jean-Claude. **O amor da língua**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012. 127 p.

NASCIMENTO, Jéssica Rabelo; BARROS, Adriana Lúcia de Chaves de; ALBUQUERQUE, Karine. Reflexões e entendimentos sobre a Língua Brasileira de Sinais. **Multitemas**, Campo

---

Grande, v. 23, n. 53, p. 91-101, jan./abr. 2018. Disponível em: <<http://www.multitemas.ucdb.br/article/view/1611/1505>>. Acesso em: 23 maio 2018.

PAYER, Maria Onice. Dimensões materna e nacional das línguas. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA E SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 12, 2, 2009. Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: SILEL, 2009. p. 1-8. Disponível em: <[http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt\\_lg20\\_artigo\\_4.pdf](http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lg20_artigo_4.pdf)>. Acesso em 26 set. 2013.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2008. 128 p.

QUADROS, Ronice Müller de; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. **Língua Brasileira de Sinais**. v. 1 Florianópolis: UFSC, 2009. 39 p. Disponível em: <[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisl/assets/459/Texto\\_base.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisl/assets/459/Texto_base.pdf)>. Acesso em: 20 maio 2016.

SAUSSURE, Ferdinand de (1916). **Curso de linguística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

---

Recebido em: 21.08.2018

Aprovado em: 20.09.2018

**Para referenciar este texto:**

ALCÂNTARA, Edigleisson. Inconsciente e língua de sinais: uma perspectiva lacaniana. **Lumen**, Recife, v. 27, n. 2, p. 55-67, jul./dez. 2018.